

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

OS SENTIDOS DO TRABALHO: ENSAIO SOBRE A AFIRMAÇÃO E A NEGAÇÃO DO TRABALHO

Ricardo Antunes 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2000. 261p.

Maria Carolina Maggiotti Costa - Advogada/Fundacentro; mestranda em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente pelo Centro Universitário Senac

Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho constitui um aprofundamento das várias dimensões já exploradas pelo autor na obra *Adeus ao trabalho*, publicada em 1995.

Com vigor e transparência Ricardo Antunes analisa o mundo do trabalho de hoje, nas formas contemporâneas de vigência da centralidade do trabalho ou na multiplicidade de seus sentidos.

O autor inicia sua análise focalizando a crise do movimento operário, momento em que o mundo do trabalho passou por uma situação extremamente crítica, talvez a maior desde o aparecimento da classe trabalhadora e do próprio movimento operário, vivenciado especialmente no início da década de 1970 e que pode ser chamado de *crise estrutural do capital*. Nessa fase, o capitalismo começou a dar sinais de um quadro crítico que se evidenciou com a queda da taxa de lucro, o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, a hipertrofia da esfera financeira, a maior concentração de capitais graças às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas, a crise do *welfare state* e dos seus mecanismos de funcionamento e o incremento acentuado das privatizações.

Essa crise, que tem como expressão o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, acarretou profundas modificações no mundo do trabalho – entre elas um enorme desemprego estrutural e um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, além da degradação do meio ambiente –, modificações estas conduzidas pela lógica societal voltada para a produção de mercadorias e para a valorização do capital.

Em resposta à crise do capital, iniciou-se um processo de reorganização do próprio capital e de seu sistema de dominação, cujas evidências foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal. A isso se seguiu um processo de reestruturação da produção e do trabalho, buscando dotar o capital do instrumental necessário para repor os patamares de expansão anteriores.

Foi nesse contexto que as forças do capital conseguiram reorganizar-se, introduzindo novos desafios para o mundo do trabalho, que se viu a partir de então em

condições bastante desfavoráveis. A reorganização capitalista que se seguiu, com novos processos de trabalho, recuperou temáticas que haviam sido propostas pela classe trabalhadora.

Assim, com a derrocada da disputa operária pelo controle social da produção, estavam dadas as bases sociais e ideo-políticas para a recuperação do processo de reestruturação do capital, num patamar distinto daquele realizado pelo taylorismo e pelo fordismo.

Em *Os sentidos do trabalho* mostra-se que a reestruturação produtiva do capital, o neoliberalismo, as mudanças no interior do Estado e a perda de seu intervencionismo social foram responsáveis pelo agravamento da crise, evidenciando que não há sinais concretos de uma retomada no limiar do século XXI de algo similar aos “anos dourados de social-democracia”.

O autor fala do surgimento do toyotismo e da era da especialização flexível, das várias transformações no processo produtivo, passando pela questão da “qualidade total”, do *downsizing*, das formas de gestão organizacional, do avanço tecnológico e dos modelos alternativos ao taylorismo/fordismo. Contextualiza a Inglaterra, país no qual o experimento de tipo toyotismo aliou-se ao neoliberalismo, ali vigente desde a derrota do *Labour Party* em 1979.

Desde o final do governo trabalhista o movimento operário inglês passava por um período de crise histórica. O sintoma foi o voto declinante no Partido Trabalhista Inglês. As ações grevistas enfrentavam crescente oposição pública, presenciando-se uma alteração nos traços constitutivos daquele movimento existente na Inglaterra desde o final do século XIX.

Essa limitação e esgotamento tiveram sua expressão máxima em 1979, quando o Partido Conservador conseguiu, com a ascensão de Margaret Thatcher, quebrar a trajetória anterior. Era o advento da variante neoliberal na sua forma mais ousada, que manteve os conservadores no poder até maio de 1997. A trajetória participacionista do *Labour* foi transformada por uma agenda que possuía como eixo o fortalecimento da liberdade de mercado.

O neoliberalismo inglês teve, entretanto, que se defrontar com movimentos de oposição de grande envergadura, entre os quais a onda de explosões sociais de 1989 e 1990 que atingiu o conservadorismo de Thatcher, com as revoltas contra o *poll tax* (aumento de impostos), considerada a mais forte manifestação pública de desgaste do neoliberalismo.

Acelerava-se no partido a “nova” postura que buscava um caminho alternativo, dado pela preservação de um traço *social-democrático* associado a elementos básicos do *neoliberalismo*. Começava então a se desenhar o que Tony Blair chamou de “Terceira Via”.

Politicamente a Terceira Via representa um movimento de modernização do centro. Embora aceite o valor socialista básico da justiça social, rejeita a política de classe e busca uma base de apoio que perpassasse as classes da sociedade. Economicamente propugna a defesa de uma nova economia mista, que se pauta pelo equilíbrio entre regulamentação e desregulamentação e entre os aspectos econômico e não-econômico na vida da sociedade.

A Terceira Via configura-se como a preservação do que é fundamental no neoliberalismo. Tony Blair é a expressão da subjetividade e da política criada pelo moderno capital britânico após o desgaste do neoliberalismo thatcherista. Portanto, a Terceira Via do *New Labour* tornou-se uma das manifestações mais críticas ao mundo do trabalho.

Ricardo Antunes discorre em seu livro sobre a interação crescente entre trabalho e conhecimento científico, sobre a interação entre trabalho material e imaterial, sobre trabalho produtivo e improdutivo. Analisa, também, as formas assumidas pela divisão sexual do trabalho, pela nova configuração da classe trabalhadora, e focaliza as formas contemporâneas do estranhamento do trabalho em relação a *o que se produz e para quem se produz*.

Em *Os sentidos do trabalho* o autor parte de uma meticulosa pesquisa sobre a “centralidade do trabalho”, focalizando os fundamentos ontológicos do trabalho no pensamento de Lukács, e faz uma crítica ao pensamento de Habermas. Trata também do trabalho livre, ou seja, da jornada de trabalho, questão importante na sociabilidade contemporânea, que propicia o afloramento do tema da vida dotada de sentido dentro e

fora do trabalho: “Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”.

Finalmente, conclui com a indicação dos fundamentos sociais básicos para um novo sistema de metabolismo social, ou, nas palavras do autor:

Numa forma de sociabilidade superior, o trabalho, ao *reestruturar* o ser social, terá *desestruturado* o capital. E nesse mesmo *trabalho autodeterminado* que tornou *sem sentido* o capital gerará as condições sociais para o florescimento de uma *subjetividade autêntica* e emancipada, dando um novo *sentido ao trabalho*.

Assim, o livro *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* vai fundo nas explorações entre capital e trabalho, percorrendo sobre questões vitais, refletindo com muita propriedade as variáveis complexas que compõem o mundo do trabalho.